

José Carlos Seabra Pereira

Coordenação



o mundo
à minha procura

Ruben A.
trinta anos depois
(Estudos)

(Página deixada propositadamente em branco)

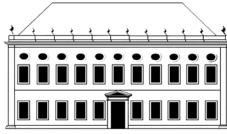
José Carlos Seabra Pereira
Coordenação



mundo
à minha procura

Ruben A.
trinta anos depois
(Estudos)

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito • Maia

ISBN

972-8704-83-6

DEPÓSITO LEGAL

247665/06

© JUNHO 2006, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Carlos Santarém Andrade

Ensaísta. Antigo Director da Biblioteca Municipal de Coimbra

COIMBRA À MINHA PROCURA:
O PERCURSO COIMBRÃO DE RUBENS A.^(*)

Depois de reprovado em Psicologia, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa fechava as suas portas a Ruben Andresen Leitão. A alternativa era trocar o Tejo pelo Mondego. A bolsa paterna não era obstáculo, pois não eram apertados os seus cordões. Mas a mudança não era fácil: «Ir para Coimbra com três reprovações ao lombo era para fazer hesitar qualquer cabo de esquadra. Valeria a pena?». Deixar a vida da capital, a *Brasileira*, os seus amigos, a boémia dourada lisboeta, separar-se do «célebre grupo de Cascais, do único grupo de classe em toda a Costa do Sol?». E o que o esperava: «Coimbra, um desterro! Conheces lá alguém?». Pouco mais era que «arrufadas, manjar-branco de Celas, bolachas *Triunfo*, tecidos de estambre, do melhor». «Coimbra, um desterro!, de que só conhecia a panorâmica vista da ponte, a Biblioteca, e umas subidas e descidas, que mais?». Mas, enfim, por lá haveria um ou outro amigo, lá estavam o Tópsius e o Tomás, «e sempre apareceria mais alguém». E a decisão não tardaria. Um jantar marcou a despedida dos amigos e a partida, com perdizes bem regadas no restaurante *Os Anarquistas* — «era o último jantar de classe que se realizaria em Lisboa. Lisboa ficava de luto sem o seu Rubirosa».

(*) Versão desenvolvida da palestra proferida no âmbito das iniciativas culturais comemorativas dos 30 anos da morte de Ruben A./Ruben Andresen Leitão, a convite da respectiva Comissão Científica (Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira, Dra. Ana Maria Machado, Dr. Jorge Pais de Sousa, Eng. António Leitão).

E no fim de uma tarde de Outono de 1942 o comboio largava na Lusa-Atenas mais um estudante: «Quando desembarquei em Coimbra, de mala e saco mão a mão, aconteceu uma coisa em que raras vezes se nota. Ao descer as escadas da Estação Nova reparei que, naquele instante, a cidade já no lusco-fusco recebia o momento exacto em que ficava com as suas luzes acesas. Parei de súbito. Os pés grudaram-se ao chão. A alma vacilou. Estava só. Turvou-se-me o olhar. As nuvens que pairavam sem norte não andavam nem para a frente nem para trás. Estava num estado de bebedeira mansa, sem álcool. Olhei mais atentamente e uma tristeza rodeou os meus pensamentos. O que vinha eu ali fazer?»

O destino era agora uma casa, no número 33 da Rua de Santa Teresa, à beira do Penedo da Saudade, ali mesmo em frente do Convento das Carmelitas. O percurso era longo, e, chegado enfim à nova morada, esperava-o o amigo Tópsius, «que nem tivera a inteligência de me ir pescar à estação», encontrando aí mais alguns amigos do colégio do Porto, logo o Remígio, depois o Carlos e o Raul. O quarto que lhe era destinado ficava no último andar, «quarto de meias-cortinas, como se usa em meias-palavras em quase todas as meias-casas de Coimbra». As primeiras impressões estavam longe de ser as melhores, mas o pior viria depois, «quando veio a hora da janta, sentámo-nos uns catorze, encontrei então os donos da casa, arregimentados no pequeno lucro que aquela chusma lhes dava». O choque era violento, num mundo bem diferente do seu: «Eu não queria nada, nem comer, nem beber. Estava parado, estremunhado, acordado num pesadelo. Raio de Psicologia que me atirara para as sarjetas da alma». E o desconforto da nova situação, tão diversa dos seus hábitos, não ficava por aí: «Continuava tonto, incapaz de aceitar, isso sabia eu, aquele panorama de dúzia e meia de pessoas a fazerem bicha de entrada à retrete, e a espreitarem quem se metia à frente».

Depois viriam as aulas, numa faculdade que não sabia onde ficava, numa terra que lhe era desconhecida. «De Coimbra conhecia as histórias imensas que meu Pai contava. Ele lá se formara». E não era então muito diferente a

Alta da cidade, à sombra da Torre, o centro, por excelência, da academia coimbrã, da que o Dr. Ruben da Silva Leitão deixara quando em 1910, com o canudo de Direito debaixo do braço, abalara de Coimbra. As mesmas ruas com o seu traçado medieval, os velhos colégios monásticos de há muito transformados em hospitais ou instalações universitárias, a mole grandiosa do antigo Colégio dos Lóios, sede do Governo Civil e esquadra da polícia, com a sua frontaria encimada pela monumental estátua de São João Evangelista, virada para o Largo da Feira, mesmo em frente da Sé Nova, tudo rodeado do velho casario característico, que albergara ao longo de séculos sucessivas gerações de estudantes. Desaparecera já a Igreja de São Bento e no antigo Paço do Bispo estava agora instalado o Museu Machado de Castro e também o Colégio dos Paulistas deixara de ser o Clube dos Lentes para ser agora a sede da Associação Académica, conquistada que fora em 25 de Novembro de 1920 pelos estudantes, no que ficou conhecido como Tomada da Bastilha. O que o pai de Ruben não conhecera, pois era no seu tempo um descampado depois de derribado o velho Teatro Académico, era a Faculdade de Letras que o filho iria frequentar, erguida anos antes con-



Figura 1 - A Alta vista da Torre da Universidade. À direita, a antiga Faculdade de Letras

forme o risco neo-clássico do Arquitecto Silva Pinto, logo à direita da saída da Porta-Férrea, em frente ao monumento a Luís de Camões. Também em 1910 a Universidade não ouvia o tilintar dos eléctricos que agora rolavam nos carris das ruas das suas proximidades. O resto pouco mudara. Novos académicos, claro, outros estabelecimentos, novos cafés e bilhares, mas a mesma traça das velhas ruas da Alta coimbrã, que em breve iria desaparecer. De pé ficaria, mais longe, na Rua de Sub-Ripas, a Torre de Anto, celebrizada pelo poeta do «Só», e onde o pai vivera enquanto estudante.

Habitado a outros confortos, era penoso para Ruben A. viver «naquela casa onde o barulho, as batatas fritas sempre iguais, a bicha sempre com vontade, impediam de bocejo os intervalos que podiam ser divertidos». Aquele ambiente tornava-se para ele insuportável: «Naquela casa de doidos aos berros, deixando a retrete suja logo ao acordar, eu não pude ficar nem mais uma semana, qual mês qual carapuça».

A solução não tardou. Com o Tópsius, o Tomás, o Carlos e o Raul iria formar uma república, com a independência e os requintes que procurava, bem diferente do que até então suportara: «As decisões éramos nós a tomar. A planificação toda nossa, eu coordenava, lançava o rastilho e o fogo começou a erguer-se numas chamas de entusiasmo que deliraram durante semanas, durante anos. Finalmente, depois de aturadas buscas, descobriu-se a mais espantosa *República* que Coimbra viu fundar nos anos da Guerra — *Babaouo*. Alugámos um magnífico andar no Largo de Santana, 16, por cima do Senhor Ventura do Torga. Coisa de requinte, com água quente encanada!»

Bem perto da casa onde até então vivera, as novas instalações eram algo de novo, bem diferente do que até então se vira: «Fundámos, sem saber, a primeira casa surrealista em Portugal. Precisávamos de uma mesa em L, um quadro de Dacosta, uma pistola, um par de bandarilhas, um barrete vermelho e um contador do século XVII, que por trinta paus eu comprei na Feira dos 23. Um grande sofá, bancos de frades capuchinhos à volta da mesa, e bonecagem em prateleiras para o convencional dos lentes que nos viessem

visitar. Entrava-se e saía-se estarecido. No corredor, retratos, mussolinis, políticos rooseveltianos, e fundos de música, com o tango *Renacimiento* por toda a banda. O sonho e a realidade estavam empatados, cada um tinha o seu quarto para se isolar nas horas das matinas».

A novidade não iria ficar circunscrita ao interior: «Em boa cerâmica, na fábrica da loiça que fica à beira do Terreiro da Erva, nós *mandámos* fazer uma evidente placa que o mestre canteiro embutiu na parede da nossa casa para que, quem viesse, soubesse que terreno pisava. O Raul decidiu imprimir papel de escrever com *Babaouo* em relevo e aos poucos Coimbra acordava espantada, atónita, boquiaberta, de ter sido tomada de assalto por um grupo quase surrealista, que virado aos acordes do tango *Renacimiento* mirava o horizonte da sua existência. Ninguém se apercebeu do significado que o nosso grupo representava, trazíamos uma mensagem de modernidade. Éramos os revoltados de uma geração em guerra, e só o verdadeiro surrealismo, com água quente, pão, manteiga e marmelada da Central, nos podia convencer. O campo imenso estava aberto».

E não tardaria que se levantassem as ondas daquela pedrada na quietude das águas coimbrãs: «Os futricas, os estudantes, os outros, olhavam para nós como quem contempla a vida no planeta Marte. Não tomávamos decisões, não atingíamos os académicos do surto epidémico neo-realístico, condescendíamos numa coexistência pacífica com os lentes — coitados! —, estávamos por cima, visão do alto, sem nos imiscuirmos na vida diária e rotineira da cidade. *Classe e Ambiente* era o nosso lema — durante uns tempos fomos alvo de um pasquim que se publicava esporadicamente com o título sugestivo de quem o subscrevia, chamava-se o *Ponney*».

De facto, na Coimbra tradicional de então, aquela casa era vista como uma extravagante novidade, fora dos padrões habituais. E o *Ponney*, em 13 de Fevereiro de 1943, fazia eco desse espanto: «Estabeleceu-se lá para as bandas do quartel uma república de balalaikos... A defesa é só leite, bolos, chá e chocolates... Lasteurens que os 'bebés' da república, que é presidida

por um ‘semi’, não usem outra alimentação... Que rica república, de nome esquisito, é um gosto ouvi-los falar de ovochocolate... ovopalermice...»

Era de facto um nome esquisito. E o próprio Ruben, numa carta para o seu primo e amigo Ruy Leitão, ao dar-lhe conta da ideia da fundação da república, escrevera *Bababou*. Manuel Torre do Vale, que lera a carta, «corrigira» para *Babaou*. «Estávamos os dois errados na grafia. O nome verdadeiro a *Babaouo* — c’est un film surréaliste, de Salvador Dalí», escreverá mais tarde Ruben A. O certo é que a placa de cerâmica ostentaria o nome errado — *Babaou*. Por isso não é de admirar que, no *Ponney* de 17 de Maio de 1944, numa entrevista sobre as repúblicas feita ao Manuel Carteiro, este resolvesse o problema do nome à sua maneira: «A ‘Bárbara’, no Largo de Santana. Essa fica lá muito longe, e de nada o posso informar; tenho ‘ouvisto’ dizer que também é composta de bom pessoal».

Todo o burburinho era para os residentes uma satisfação, por assim agitarem as almas e os espíritos: «Realmente só uma lufada podia estrebuchar os alicerces adormecidos daquela Lusa-Atenas. Saíamos desafiando a praxe, e todos nos respeitavam. A nossa *República* metia respeito, coisa do outro mundo, e quem estivesse em nossa casa no dia seguinte só falava nos Gerais das maravilhas que lá vira — um quadro de figura com duas cabeças, uma prateleira a sair dos peitos, uma máquina de dar à nora nas costas, aranhas na cabeça, e um punhal na paisagem. Coisas de estarrecer a velha Coimbra. Desafios a toda a hora. A Academia entrava lá em casa e perguntava o que representava a escultura do António Duarte. Uns viam uma mulher prestes a dar à luz pela boca, outros um comboio feito de carne humana com os olhos de pescada morta».

Carlos Lobo, um dos membros da casa, deixou-nos também o seu testemunho da vivência com Ruben: «Ele foi a alma de uma república de estudantes que então lá se fundou. Tratava-se, porém, de uma república *sui generis*, porque tinha quarto de banho — uma raridade —, estava instalada com uma preocupação de estética e conforto — caso único — e chamava-se «Babaou — Une maison surréaliste», nome com que o Ruben a baptizou. A

experiência fascinante que a república foi para todos nós ficou a dever-se, em grande parte, não só à cultura humanista do Ruben — muito avançada em relação à sua idade —, como também ao seu exuberante entusiasmo de viver e à sua espantosa e genial imaginação, que se reflectia do modo mais inesperado em inúmeros momentos da nossa vida comunitária».

E os visitantes dividiam-se entre o ciúme e a admiração, como lembraria Rui Feijó: «Tínhamos inveja das magníficas instalações do *Babaou*, única república em Coimbra onde se podia ver quadros de António Dacosta, e sobretudo ver o Ruben: era fino, inteligente, aristocrático no bom sentido — a sua educação fazia dele um *gentleman* em toda a acepção da palavra». Também a sua figura seria recordada por outra sua contemporânea, Ângela Ferreira de Jesus: «O Ruben era um marciano em Coimbra, destoava sempre com aquelas *toilettes* dele — camisolas vermelhas, azuis, amarelas e casacos *sport*. Nunca o vi, como a grande maioria dos estudantes, de capa e batina».



Figura 2 – A casa onde estava instalada a República *Babaou*.

O «surto epidémico neo-realístico», como Ruben referiu, campeava então em Coimbra, aglutinado à volta do *Novo Cancioneiro*. Numa carta enviada de Lisboa, Manuel Torre do Vale escrevia a Ruben, citando uma outra deste para Ruy Leitão: «Deduzo que já entraste em relação com variados elementos e na qual se encontra uma referência ao *Novo Cancioneiro* — e que nos fez a maior das invejas». Mas não tardará que o mesmo amigo, para quem aquele grupo seria um lenitivo no «desterro de Coimbra» escreva: «É então o *Novo Cancioneiro* um mito? Já não posso dizer à laia de consolação: Tens lá o *Novo Cancioneiro*».

Ruben viria a escrever mais tarde, retratado o ambiente coimbrão da época: «A academia ia jogando futebol, ouvindo de vez em quando que Vasco da Gama tinha chegado à Índia — havia uns outros que influenciados pela época social publicavam uns versos de barriga aberta com fatos rotos onde, página sim página não, se pedia esmola contra a tirania dos abastados». Mais contundente, escrevera já: «O Alentejo dava porcos e neo-realismo, tal o atraso de subdesenvolvimento em que nos encontrávamos. (...) Havia que emborcar, e estar calado, saindo da linha resultava levar na cabeça. E do Alentejo continuava a desembarcar mais prosa e mais suinagem». Nos antípodas daquele movimento estético e dos seus propósitos sociais, via, durante a sua estada coimbrã, serem baldados os seus propósitos, eivados de surrealismo, pelo que acrescentaria com sarcasmo: «Passados dois anos constatei não terem repercussão os meus gritos coloridos. Os futebolistas continuavam aos pontapés e alguns poetistas tinham sido engaiolados, não por se verificar que os seus versos eram uma mixórdia, o que seria mais justo e lógico, mas sim por mostrarem tendências amestradas de agitação».

Nesses «gritos coloridos» inseria-se, certamente, o artigo publicado no número 13, de 14 de Fevereiro de 1943, da *Via Latina*. Intitulado *Apointamento*, nele Ruben Andresen Leitão preconizava novos caminhos para a Arte: «Eis a admissão da nova criação, da independência do pensamento individual estético, quer na criação plástica, quer na criação poética».

A cidade era uma lição, quotidianamente revelada no dia-a-dia com os companheiros e os amigos: «Coimbra aprendeu-me a conhecer tudo o que não era eu. Ia de vento em popa. Aparecia o Menano, bacano da *República* da Casa Verde, trazia o Rodrigo — que acabou em nossa casa mais tarde — e o Aroso, o nosso adorado Aroso, contando sempre as melhores piadas dos lentes, com o chiste monárquico de quem cozinha calejado o que ficara da véspera. Mais amigos vinham ao nosso café, ali pelas duas, antes das aulas da tarde — a que pouco íamos, faziam um sono dos diabos. O Alberto — *Espada Reis* —, o Rogério, mais tarde de borla e capelo, assim como o poeta Maia Vilaça, nomeado de João Garrett».

E era uma escola para a vida, preparadora dos tempos a vir: «E Coimbra, apesar do seu acadeísmo, de cheirar a lente, foi quem melhor acolheu a liberdade que nós buscávamos e que até então era sempre corrompida pelos encardidos do medo. Sai-se de Coimbra sem medo, apto a enfrentar a vida, com a coragem de quem esteve só, de quem estabelece uma liga de isolamento, e de amizades ao mesmo tempo. Amigos da unha, amigos como os que o são, formam-se nestas maçonarias — que eu tivera em Cascais — e que encontrava agora em plena floração. Aparecia o Gil, sempre de sorriso, aproveitando os últimos tempos com uma bebedeira de caixão à vala comum».

Aqui encontravam a liberdade, sem peias e sem mordanças: «Quem não esteve em Coimbra não percebe o que Coimbra representa na formação do indivíduo que passa a adulto. Carta de alforria, sebenta suja, mas livre leitura e livre discussão. Ali tem de se aguentar firme. Não há as saias da titi, nem a bolsa do paizinho a cobrir dívidas. A minha euforia estoirava total, de uma boa disposição absoluta».

E neste ambiente decorriam os dias. De surpresas, como a que tiveram no regresso à *Babaouo*, após umas férias de Natal, em que não encontraram o «adventício» que por solidária amizade tinham recolhido na república. Mas não saíra só, aquele «primo de famílias ilustres do reino, rapaz afinado com namorada *em Estoril*, como ele dizia, beneficiado por

um emprego de 600 paus que o irmão do Raul lhe arranjava *in extremis*, num Grémio do Porto — emigrara de Coimbra numa cálida manhã de Janeiro depois de nos pôr tudo no prego! Foi roupa, mobília, tachos, uma máquina de escrever, chapéus-de-chuva. Chegámos e a casa estava vazia!» O golpe fora habilmente planeado: «Ele tinha dito à nossa fiel escrava que não precisava dela durante os dias de festa, que a Senhora Maria passasse a consoada com a família e voltasse nos começos da semana. Assim funcionou o plano elaborado por este aventureiro simpático, que para a Rua da Sofia, centro de prestamistas e penhores, nos levou por tuta-e-meia a existência precária que pertencia a cada um. Foi um choque, choque moral que todos recebemos com indignação. Não havia direito! Um tipo a quem nós abrimos a casa, arranjámos emprego, regenerámos, demos vida, tirámos da sarjeta, fazia-nos uma partida daquelas!».

Para atenuar os efeitos do sucedido, em breve a original república iria ter mais um dos seus pontos altos: «Rapidamente o horizonte mudou com a notícia de que a Milú vinha cantar a nossa casa, e trazia também a Maria da Graça, célebre pelas suas cantigas de ocasião. Precisávamos para a Milú de muito champagne. Convocou-se o Fernando Valle, que nos dava apoio completamente desinteressado, e mandou vir das suas casas de Lamego dois caixotes do melhor. Decidiu-se convidar a nata dos nossos amigos, dar uma festa de arromba. Tudo em ambiente negro, mascarados de capa e batina, estudantes de carne e osso para deslumbrar a Milú, para a fazer vibrar». E a festa teria lugar com «os pormenores mais requintados, fotógrafos à entrada e à saída, jantar de galinha que uma capoeira da Alta cedia a preço mais convidativo, muitas batatas fritas», em que todos com alegria participaram, gozando ainda as delícias de «laranjas com manjar branco, toucinho-do-céu, maminhas-de-freira, pitéus de escandalizar pelo tom conventual».

Mas em breve uma nuvem negra se iria abater sobre a república: «O drama humano tocara-nos pela primeira vez na vida. Tínhamos de estar à altura do momento. A tragédia íntima, doméstica como a tragédia grega, contava o amor de homem por outro homem. Todos nós sabíamos que existia».

Mas agora era um dos seus o protagonista. E, sentados diante do Tópsius, era bem diferente aquele almoço, amargo e trágico: «A comida não ia para baixo nem para cima, pelo silêncio até parecia que a cozinheira também sabia da história. Almoço de tristeza, mal amanhado, falho de apetite, sem arte. A arte parara, os sentimentos estavam nas oficinas a serem reparados, postos a nova pressão. Acontecia daquelas coisas. Acontecia diante de nós, nas nossas barbas. Era um facto, como as paredes da casa, o quadro do Dacosta, a água quente para o chuveiro logo de manhã. Coisas que são do íntimo de cada um, que se declaram, surgem, rebentam, sem ninguém esperar, são o anúncio de uma outra vivência. Sentíamos que um de nós, ali companheiro de toda a hora, morria para a vida, uma vida cheia de alegria que iniciáramos com tanta verve». Para aquele companheiro da casa terminara a jornada coimbrã: «O Tópsius tinha de embarcar, mas tinha de embarcar com todas as honras, só assim o eu colectivo aceitava qualquer tipo de acção. E o Tópsius estava inocente, fizera aquilo por um instinto, alheio a perversidade, mas que se manifestara num momento de crise. A tragédia não se repete. Havia que evitar nova representação».

Coimbra era também a cidade de Miguel Torga, com quem mais tarde viria a ter estreitos laços. Mas nesses tempos o conhecimento era apenas o de alguém nas ruas da cidade: «Lembro-me, foi num sábado à tarde, logo a seguir ao almoço que vi o Torga pela primeira vez. Eu ia de eléctrico com o Raul e foi ele, frente à Igreja de Santa Cruz, que me apontou, do outro lado do passeio, um sujeito escanzelado, curvo de alto, de olhos mais pretos que azeitona, de perfil semelhante à silhueta de uma montanha, sapatões de quem usa as pernas para andar. Ali estava à espera de transporte, com a mulher atenta à numeração dos carros. Foi para mim um momento de silêncio. É aquele o Torga? Tens a certeza? Estava a ferver. Nós comíamos o Torga. *Os Bichos!* Uma correnteza de páginas que líamos uns aos outros. E era um homem como aquele que há pouco tinha estado preso? Subversivo por ter talento! E aos relances binoculava que o drama em Portugal é que é um país oficialmente estúpido com homens inteligentes».

Como Torga, tinham um país a descobrir, novos horizontes a desvendar: «Queríamos a nossa idade. Conhecer Coimbra, passear pelos arredores de Bencanta, alugar uma casa no campo para os fins-de-semana, ir à Figueira de barco, visitar o Buçaco, fazer alpinismo na Serra da Estrela. E ainda ir conhecer as gafanhas, meter em saveiro e subir de Mira até à Murtosa. Gostávamos teluricamente do país, não teoricamente como os frequentadores dos cafés, sempre aborrecidos, sem saber se deviam ir ao Nicola, ou ao Santa Cruz».

E é com o segundo volume do *Diário* de Torga debaixo do braço, que a aventura da descoberta iria começar: «Fechámos a *República*. Decretámos férias. Embarcámos no comboio da Beira direitos a Contenças, ao pé de Gouveia, não longe da Guarda. Íamos estiolar uma semana na Passarela, na companhia do Rodrigo, numa casa que recordava o velho estilo do *fin-de-siècle*, tão ao meu gosto no Campo Alegre. Uma fome de liberdade apoderara-se de todos nós». Era a primeira vez que estava ao pé da Serra da Estrela, e logo com uma semana para a desfrutar. E os passeios sucediam-se em camionetas de carreira, um dia a Guarda, com o granito da sua Sé e da Torre de Ferreiros, a silhueta do castelo de Celorico ao longe, noutro dia o andar ao «deus-dará pelas ruas de Gouveia, mirando a *Casa da Torre*, a *cerca*, e o *Terreiro do Calvário*, donde, com o dedo no ar, indicávamos o mundo a nossos pés, que ia desde o Caramulo à Gralheira e ao Buçaco», pouco importando «o inverno a manobrar por todas as frinchas do pescoço». E também as noites, as longas noites de Passarela, numa mistura de fumo e de vozes de jogo, pretexto para saborear os «queijos da serra, dos autênticos, e um vinho de ir à adega em procissão, na sábia escolha dos anos mais *vintage*». E no regresso a Coimbra, ficava a vontade de lá voltar.

Mas era preciso também estudar. E conciliar os estudos com o amor: «As aulas apertavam. O amor dilatava. Era gostoso amar em Coimbra, eu representava uma função completa — estudante e romântico». E havia que provar que o professor que o obrigara a sair de Lisboa não tinha razão: «Estudava *Psicologia* com aplicação. Queria tirar meças, ver quem era o

burro. E burro na minha família nasce morto, no comentário de um jogral de saco a tiracolo. Aplicava-me (...) E acaso não estava em Coimbra para concluir o curso?». O esforço iria ser recompensado: «E meses depois, quando logo no primeiro exame obtive distinção em *Psicologia*, mandei imediatamente um telegrama a meus Pais dizendo-lhes: *Distinto Psicologia. Burro não sou eu*».

A cidade era cada vez mais sua: «Reparava que em Coimbra o terreno que eu pisava me pertencia. Quando ia tomar uma cerveja ao Pirata, quando me sentava na Alta, debruçado da esquina do Pátio da Universidade sobre a nesga do Mondego, eu percebia que há coisas que nos pertencem, que não estão registadas nas conservatórias, que são absolutamente nossas, verdadeiramente integradas num património único, sensível, de que às vezes tomamos a consciência de compreender um bocado».

Numas férias de Carnaval, Ruben recebe a visita de Ruy Leitão. Era o reavivar de uma velha amizade que iria ser recordada agora junto ao Mon-

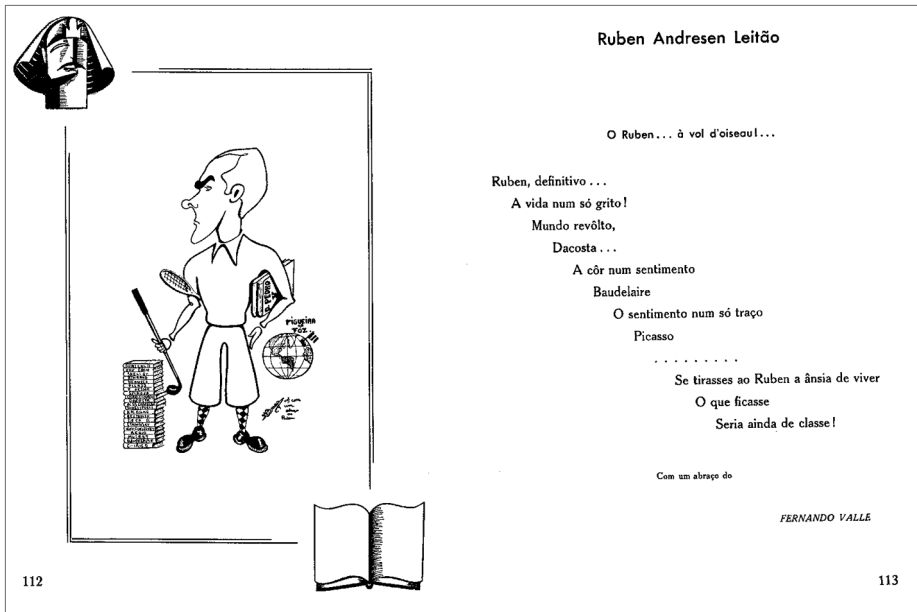


Figura 3 – O Livro dos Quartanistas de Letras de 1943.

dego. As bicicletas são as companheiras escolhidas para um longo passeio pelos arredores de Coimbra, com mais dois companheiros da república, meia vazia com as férias: «O nosso primeiro alto foi em Santa-Clara-a-Velha. Estávamos com a História à mão, patente, servida ao mirar um templo gótico que lembrava a *Cathédrale Engloutie*. Para nós tudo crescia de importância, de classe. Um mundo emergia, Debussy servido pelo destino português, cantata de Bach, um sentido que nos aproximava do túmulo de Inês de Castro, que estivera ali. A mulher com mais categoria na nossa pátria de pouca história de mulheres para contar. Debaixo do braço íamos lendo os *Lusíadas* e as *Líricas*, líamos tudo». O momento era de emoções fortes: «O Ruy olhava estarecido. Que coisa de arregalar! O segredo de uma igreja enterrada da barriga para baixo com ares de grandeza, como mulher de quem só se vêem os peitos. E a rosácea? E o interior? Cheirávamos tudo, e de perfil aquele navio meio afundado deslumbrava a nossa imaginação. Comemos laranjas, descascávamos com a veia lírica de Camões, cantando, ouvíamos ler as missivas que D. Pedro mandava a Dona Inês trazidas pelo *cano dos amores*».

Mas havia que continuar: «A seguir mais caminhada, *en route*, para a Quinta das Lágrimas, fonte dos amores, sangue, drama, tragédia, punhaladas, inocência. Foi ali o assassinio no momento preciso em que o idílio rezava que *Estavas linda Inês, posta em sossego...* e vieram os homens, veio a denúncia, veio a trama, veio a vida, tudo chegou a pedalar, e aquela várzea assistia ao mais nefando crime da nossa História, um crime praticado na inocência, um crime shakesperiano, crime belo de horrendo, crime a que nós fazendo a leitura nos saltava um soluço ancestral». O local deixava marcas impressionantes, misto de êxtase e de dolorosa realidade: «O encarnado sugestivo ali como sangue petrificado, o ambiente de árvores grandes... Magnólias, cedros, laranjeiras, tuias, limoeiros, japoneiras, miosótis, flores a quererem Primavera, flores delicadas para o meu amor, flores quase glicínias, cheias de avencas, canforeiras, castanheiros de folhas vermelhas, tudo eu reparava com a bicicleta na mão e o

Ruy a ler, a ler o episódio num silêncio de que a verdade para nós estava em que Inês de Castro havia sido assassinada mesmo há cinco ou dez minutos». Ali, compreendia-se bem o desespero e a raiva de Pedro: «Um grito de uivo milenário de sofrimentos pairava por cima dos cedros. Nós, ali, faríamos o mesmo, sem hesitações, iríamos ao túmulo, arrancávamos Inês como *aquela, que depois a fez Rainha*. Abananados. A emoção fora de arrasar».

A jornada prosseguia. Com o Mondego em fundo, surgiu a ideia de descer o rio de barco. Depois, que agora o passeio continuava: «Pedalávamos em conjunto a Lapa dos Esteios, troco de pobre depois do que tínhamos visto, mais fama do que proveito — o vale imenso abria-se à nossa direita, saciava a fome que levávamos, mais laranjas, mais sabor a sair de um cheiro que fica na paisagem. A Conraria podia orgulhar-se em nós, subíamos um pouco, parávamos e de exclamação em exclamação metemos a subir a subir, descemos das máquinas, e puxando os burros pela cabeçada chegámos ao Alto de Santa Luzia depois de vistas a Casa das Lapas e Castelo Viegas, perdidos de gente a olhar para nós». Mais um bocado e era a descida, até à ponte da Portela, corpos estirados nos arcos, retemperando forças. Coimbra ficava à esquerda, mas não era ainda o regresso. Agora era um novo cenário, as serras escarpadas com o rio ao fundo, as oliveiras, o cuidado na estrada até Penacova, onde, chegados ao alto, haviam de injuriar «uma pérgola de arquitecto de segunda que estragou a panorâmica do terreiro». Depois, enfim, o regresso: «Chegámos muito tarde à *Babaouo*. Esbodegados, a pingar o suor».

A ideia da descida do rio não ficara esquecida: «No dia seguinte descemos à Baixa para tratar do aluguer de barco que nos levasse à Figueira. Foi fácil dar ganho aos barqueiros que levam de uma banda para a outra, frente a Bencanta. Acertámos contas e começámos as virtualhas. Encontrei-me com a Mafalda e apresentei-a ao Ruy». E a viagem ia começar: «Metemos tudo na barca — *A Flor de Bencanta* — cáique preto, de timoneiro e servente, nós três e duas amigas açorianas, um gramofone, discos de Wagner e Bing Crosby, comida para dar e vender, muitas laranjas, manjar-branco de Celas,

pastéis de Tentúgal, arrufadas, queijo fresco, bolacha, biscoito, garrações de vinho, água de todos os feitos, ânimo de alma lavada, sabor de corrente, e miragem atenta a um fenómeno de que participávamos — um dia cheio de novidade». Nunca os barqueiros tinham ido à Figueira — para eles era também uma aventura. E o barco ia descendo, passando agora o Choupal, deslizando ao som das Valquírias que assustavam as garças, e Bing Grosby atacando o silêncio. «O Mondego excedia a imaginação. Percebia o que falavam, o que escreviam sobre ele, o poder que exercera sobre os generais da sensibilidade. A luz quase me afogava, valeu-me o equilíbrio na borda da imaginação». Por fim, Montemor-o-Velho. Uma subida ao castelo, a evocação de Fernão Mendes Pinto e de Jorge de Montemor. Depois, de novo o rio, a barca que não andava, lutando com as areias e as marés contrárias. E nem a força dos remos era suficiente para chegar à Figueira, com a noite a cair. «Exaustos, cheios de frio, com a tripulação de escorbuto, cigarros esgotados, alquebrados pela jusante, nós víamos a Fontela como quem no eldorado vai extinguir os seus desejos. Noite escura quando aportámos ao pé da fábrica de garrafas, frente às salinas que na outra banda acordavam o sono com um branco que de Verão é tão evidente. Dali à pata até Buarcos. Abandonámos os nossos valorosos tripulantes de *A Flor de Bencanta*, rogando-nos pragas e à maré-cheia, dizendo que amanhã voltariam, mas com a maré de feição». Fora uma jornada de «suor e lágrimas, drama fluvial, o Wagner a afundar-se, Bing Grosby a cantar patéticas», tão diferente do que esperavam. Enfim, «um dia que começou no Céu e acabou no Inferno».

Após a visita do primo, a vida em Coimbra iria continuar, os exames não tardariam: «Eu ingressei no trivial; os estudos começavam a apertar, altura de mergulhar cá para dentro e de ir fixando o que a memória exigia de compreensão».

Uma a uma, as cadeiras do curso iam sendo vencidas. Depois seria a licenciatura, a prova final do curso: «Os meses passavam, a existência rotinava-se, o amor aburguesava-se mais, e eu esperava a formatura para me atirar para o mundo e ao mundo — ouvia o som iludido de uma outra liberdade, ânsias de espreitar a vida, ver como era, tentação de indepen-

dência — filho pródigo lançado às feras do dia a dia. Contava o tempo até me licenciar, numerava os exames. Como aquela Psicologia salvara o arcaboço da borrasca!»

O esforço seria agora redobrado: «Nos meses de calor estudava em pelote nos esconsos da *Babaouo*, ali, dialetando filosoficamente sobre as raízes do conhecimento — um calor e uma filosofia que me punham ao rubro; um calor tão comunicativo que nos quarenta e tantos graus fazia cair os pardais das árvores junto ao rio, um calor de estarrecer, um calor sem pôr-do-Sol, um calor totalmente alheio às sombras. Já não eram os movimentos o que nos fazia suar, qualquer esforço da inteligência punha a cabeça em água a ferver. Apesar de não ser filósofo, eu gostava da Filosofia, achava um exercício de ginástica, exercício que todos deviam praticar nos estádios da cultura. O que aprendera em Lisboa, eu aprofundava agora em Coimbra, olhando para uma metafísica cheia de beleza, mas raro entusiasta em relação ao aristotelismo, que considerava uma verdadeira estopada».

Mas a Filosofia havia de lhe trazer dissabores e uma desilusão que jamais o abandonaria: «E só me interessava, percebi eu mais tarde, aquilo em que eu estabelecia um valor prático entre o sistema e a aplicação ao mundo, às gentes, ao caso imediato. Esta minha maneira de ser ficara alarmada quando em passeio nos Gerais, dialogando com o velho mestre de filosofia — cuja



Figura 4 – Os Finalistas do Curso de Histórico – Filosóficas.

profundidade de pensamento estava totalmente em desacordo com a sua mesquinhez humana; quando ensinava filosofia, agigantava-se, quando tratava com humanos, abiltava-se. De um brilho apaixonante, raciocinava melhor de olhos fechados, mas com a clareza de quem na escuridão vê luz».

A desilusão surgira numa conversa entre o mestre e o discípulo: «E foi uma vez, em passeio no para baixo e para cima junto à capela da Universidade, mesmo aproveitando a sombra que vinha da Biblioteca de D. João V, que esse ser, mais uma espécie bibliográfica do que uma alma imbuída de simpatia, me aconselhou a ir dirigir uma fábrica de tijolo perto de Formoselha, que eu não sabia bem onde ficava. ‘Deixe-se de filosofias, como gerente de fábrica é que está bem!’ Heresia, meu santo Deus! Senti a cabra a tocar a rebate, os archeiros pegarem às armas, os transeuntes esconderem-se nos Paços das Escolas, tudo com medo de que ruísse a instituição».

O golpe era forte, mas havia que resistir: «Aguentei firme, era uma marcha atrás que se fosse sugerida tempos de antes ainda me obrigaria a recuar, mas agora não. Olhei com piedade para aquele ser que de humano nem o gesto tinha. Mirei-o com a satisfação de que o homem, ali, era eu. Pois ainda havia pouco tempo, com o meu entusiasmo natural, lhe dedicara o mais sagrado da minha lavra: o meu primeiro trabalho impresso». De facto, Ruben A. Leitão dedicara «como prova de admiração» a Joaquim de Carvalho — era ele o mestre em causa — o seu estudo *O Método e o pensamento religioso nas ‘Pensées’ de Pascal*, impresso em 1945, como separata do Tomo II do «Boletim do Instituto dos Estudos Franceses», da Faculdade de Letras. Por isso, a decepção era ainda maior: «Fiquei magoado, com uma nódoa negra que levou muito tempo a sarar, que foi roxa de paramento, negra de luto, castanho-amarelada de mau gosto. Estava uma tarde tão calma, tão macia, aquilo estampara um arranhão feio na própria natureza».

O tempo ia-se diluindo, a prova final não tardava. Ruben procura a companhia de um colega para a derradeira batalha. Foi ele Henrique Barrilero Ruas, que, mais tarde, recordaria o conhecimento com Ruben e esses dias de ansiedade antes da formatura: «Na minha Coimbra ainda mal assimilada

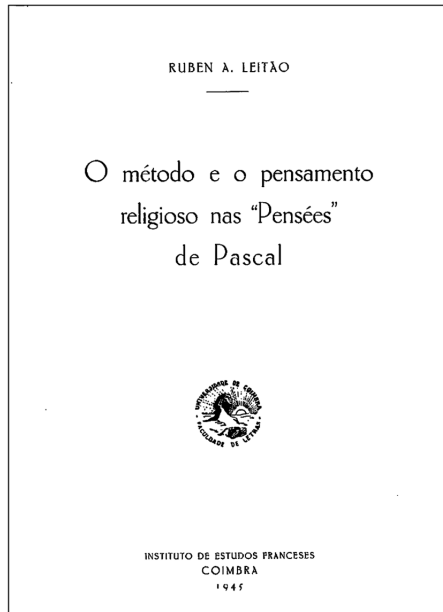


Figura 5 – O primeiro trabalho impresso de Ruben A.

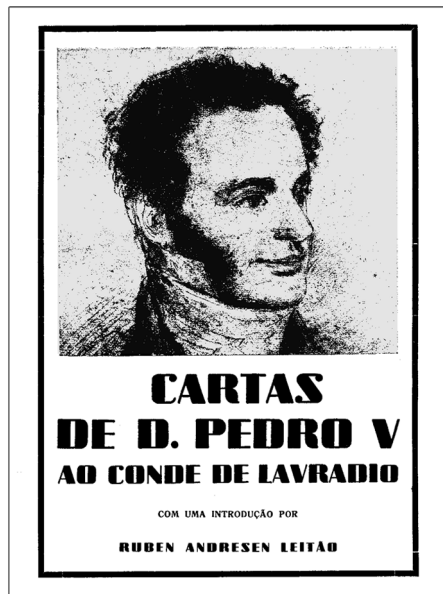


Figura 6 – A tese de licenciatura de Ruben A.

(depois de quinze anos!), vejo-te chegar como incursão lisboeta, desembarcado nos dias prefabricados de algum exame. E só tarde vou percebendo que era mais forte o teu cerne nortenho do que a película irisada de alfacinha. A Faculdade que ambos vivíamos de fuga (tu, preso nos ritmos musicais da arte; eu, na teia das actividades), a Faculdade, ainda *liberalium artium*, só havia de nos dar a conhecer quando me propuseste preparar contigo as duras, superlativas provas de licenciatura. Lá ia eu, dia a dia, fechar-me nas águas-furtadas do teu quarto de forasteiro, e contigo remirar, ruminar ou subverter Kantes e Agostinhos...»

O objectivo estava quase alcançado, adivinhava já novos horizontes: «O dia da minha formatura aproximava-se. Acabava o meu internato na província. Iludia-me uma crença de que ia vencer na vida, de que a vida me esperava para ser vencida, que o mundo estava ali aguardando há quase dois mil anos que eu chegasse como um novo redentor. A ciência que emborcava confundia com a dolorosa ambição de quem se julga apto a desempenhar qualquer papel».

Mas, com o aproximar do dia decisivo, os receios revelavam-se, as dúvidas instalavam-se: «No momento preciso não tinha medo, antes sim. Parecia-me aos bichos de contas que se enrolam dentro de si e quando não ouvem qualquer barulho esticam a casca e começam a andar. Eu estava a agir precisamente desta maneira. Realmente o meu medo era apenas um medo de que me desaparecesse tudo o que tinha decorado com tanto método durante as últimas semanas, uma verdadeira tragédia saber os nomes dos faraós todos do Império Antigo, do Império Médio e do Império Novo, as dinastias, com datas, formas de barretes, apelidos dos pagens. Matava-me esta desconexão com a realidade. Acabrunhava-me o Amenófis IV, criador de uma nova religião, monoteísta num país em que se adoravam tantos deuses. Mas o meu suplício máximo passava-se em relação ao Renascimento, não ao tango surrealista que motivara a criação da *Babaouo*, mas sim à colectânea de papas que desde os princípios do século XV até aos fins do século XVI eu tinha de saber de cor, com nomes exactos, amantes, datas,

e as mulheres mais célebres da casa de Este, como Isabel, dos Colonas, como Vitória, dos Bórgias, como Lucrecia, e ainda, e mais, dos Sforza! Uma família que não tinha nada a ver comigo, alheia ao meu estado de espírito, e em quem eu tropeçava ao repetir mais uma vez a lista de Alexandres de Paulos de Júlios».

E a solução para atingir o objectivo era continuar, continuar sempre: «Metia mais faraós nas prateleiras da memória, mais mapas, carne para canhão, lenha para queimar, enchia-me de tralha que no dia seguinte desmantelava para sucata. Queria dizer ao mundo que estava formado, que Vasco da Gama tinha finalmente chegado à Índia».

Chega, enfim, o almejado e temido dia. O momento era solene, havia que registá-lo para a posteridade. «E a malta em grande estilo ao ir tirar a fotografia na Clássico da Baixa, todos com capa e batina, eu de fitas a olhar para a estupidez de um cenário que tinha um bote ancorado nas margens do lago suíço, com escadinhas de um palacete de que só se via o reflexo na tranquilidade das águas. Fora o meu dia de capa e batina, único dia que nos anos de Coimbra eu a usara, um dia para a imortalidade».



Figura 7 – Ruben A., com os colegas da República *Babaou*, no dia da sua formatura.

Estávamos em Julho, no dia 20 de Julho de 1945. Perante o júri, Ruben Andresen Leitão defendia a sua tese. Entre os seus membros, Joaquim de Carvalho e Damião Peres. Este seria recordado mais tarde, com grata saudade: «Quando ouvi pela primeira vez, no começo dos anos 40, a voz tranquila e segura do Professor Damião Peres expondo a sua visão da gesta portuguesa além-mar, senti que estava na presença de um verdadeiro mestre. (...) As suas aulas magistrais chamavam à sala da velha faculdade uma assistência de estudantes de todas as Escolas do velho burgo académico. (...) Encostado à secretária, virado numa posição de diálogo, ali, em pé, o Mestre discorria, sem ajuda de um papel ou de um apontamento, o roteiro histórico de oito séculos. Era a síntese de um pensar, aliada aos fundamentos de uma erudição servida pela clareza do verbo». Fora com ele que elaborara a tese: «A minha dissertação de licenciatura seria preparada com Mestre Damião Peres. Todas as semanas, uma nesga de tempo, ele ouvia o progresso dos meus trabalhos e comentava a respeito da orientação a seguir».

Agora, perante o seu professor, era o epílogo do labor de meses, incidindo sobre a figura de D. Pedro V: «Quando Mestre Damião Peres argumentou o meu trabalho, eu percebi que no vasto mundo à minha frente, logo após a formatura, continuaria o diálogo com as figuras mais notáveis do século passado». A longa prova estava no fim: «Era uma hora da madrugada quando me formei. O professor de Filosofia precisava de estar na Figueira da Foz na manhã seguinte e despachara a grande velocidade todas as licenciaturas, todas as provas. Achei incómodo responder perante o delito de tantos anos àquela hora adiantada, sobretudo para uma natureza como a minha que funciona muito melhor e de espírito mais claro nas horas da manhã».

Mas o esforço seria recompensado. *Cartas de D. Pedro V ao Conde de Lavradio* era o título da dissertação que Ruben Andresen Leitão apresentou para a sua licenciatura. E, nesse ano de 1945, o professor iria dar uma prova do seu apreço pelo trabalho apresentado, promovendo a sua publicação: «As cartas de D. Pedro V abriam pistas imensas, eram o início de uma carreira, mostrando já o seu interesse por um mero aprendiz do nosso viver, Damião

Peres, à frente da *Colecção Histórica*, da Portucalense Editora, decidiu editar o meu livro apresentado à Universidade de Coimbra quando da formatura. Da admiração que o Mestre me transmitira nas suas aulas magistrais, iniciava-se a amizade de um espírito extremamente humano, generoso, e pronto a solucionar os problemas de quem se aproximasse para aprender ou procurar novos trabalhos. Valera a pena o sacrifício».

Estava a chegar ao fim o tempo de Coimbra. Longe ia já o dia em que, ao pôr os pés nas escadas da Estação Nova, vira acender como por encanto as luzes da cidade no crepúsculo outonal. Era a hora da despedida: «No dia seguinte eu partia, e para sempre aquele sol de Florença — que aos fins de tarde me iludiam de alcavalas — pairaria na minha recordação. A Cruz lá bem espetada na silhueta do velho hospital, na Sé Nova, a Cruz sobressaía no calvário a que às vezes me teria de agarrar. Daí a horas iria falar com a Mafalda. Precisava de me libertar, de sair imediatamente de Coimbra».

Agora, era o último adeus à *Babaouo*: «Eu ficara sozinho na *República*. Todos tinham já partido de Coimbra, eu, o último.(...) Fui de quarto em quarto, numa despedida de amigos entre amigos, as janelas todas abertas, as portas abertas, nem uma brisa, os dias de calor, de um calor que só se descreve estando em Coimbra, ia abrindo a casa ao vento que não vinha.(...) O ar da madrugada trazia dos lados do Penedo um néctar de Verão, cheio de calor, cheiro cristalino, sugestionado por um toque a finados que me ia cá por dentro. Sentei-me no longo divã da sala para carpir melhor os lamentos, interrompidos na afirmativa de que já era um homem, que concluía o curso e que daí a pouco tempo seria casado, com filhos e barriga cheia. Os contrários cruzavam, restos do modernismo que ficara pendurado na sala; o surrealismo do quadro a gasogénio do Dacosta. A vida era um surrealismo, e eu não percebia, as pessoas não percebiam isso, o que ainda se tornava mais doloroso».

Faltava a despedida da velha servente, também ela, ao fim e ao cabo, companheira da república: «*Agora, sim senhor, muitos parabéns*», dizia a senhora Maria ao pôr a mesa para o pequeno-almoço. «*Depois vai-se embora*

e nunca mais cá aparece. O Sr. Doutor foi o primeiro, custou mas foi». E de facto ela acertara em cheio, custara mesmo — duas universidades, tanta besta pelo caminho e eu a ter de passar por cima dos cacos sem me arranhar, mas tanta compensação que no fim de contas valera a pena».

Uma etapa acabara na vida de Ruben. Outra iria agora começar: «O que me impressionava era aquele trânsito da vida a que eu assistira produzido por ter um canudo debaixo do braço. Morria a palavra estudante dentro de mim — pelo menos o estudante obrigatório a exames determinados».

Finalmente, a partida, o adeus definitivo: «Na carruagem comecei a estar eufórico, o calor arrasava, a tarde custava a ir embora, Coimbra em fins de Julho parece um deserto de beduínos. E à medida que o comboio deslizava da plataforma eu, pela primeira vez na vida, dava entrada no grande palco do mundo para representar o meu papel. As luzes da ribalta estampavam no horizonte a minha personagem».

Após a formatura em Ciências Histórico-Filosóficas, e depois de uma breve passagem pelo Porto, Ruben Andresen Leitão está em Londres, lecionando no King's College. De férias em Portugal, no Verão de 1949, vem a Coimbra, em 1 de Setembro — *dia telúrico* — como recordará: «Conheci pessoalmente o Torga quando vim a férias de Verão. Eu queria levar o *Mar* na próxima época e precisava de acertar a planificação, sobretudo à forma como eu via a peça e como a desejava fazer». E antes da longa conversa com o poeta dos *Bichos* sobre a peça que os seus alunos ingleses haviam de representar, o almoço em sua casa, e a recordação já distante da primeira vez que o vira: «Almocei com o Torga e com a Andréa na Estrada da Beira em Coimbra, companhia do Cinatti e do Tomaz, se acaso não erro, comi uma vitela extraordinária, regada por vinhaça das fragas do Douro, de São Martinho de Anta. E discutimos, falámos do meu conhecimento físico de há anos quando o vi pela primeira vez frente à Igreja de Santa Cruz e o Raul da banda da janela do eléctrico me apontou o Torga». E depois da conversa em dia, uma visita à tipografia: «Grande foi o momento vivido

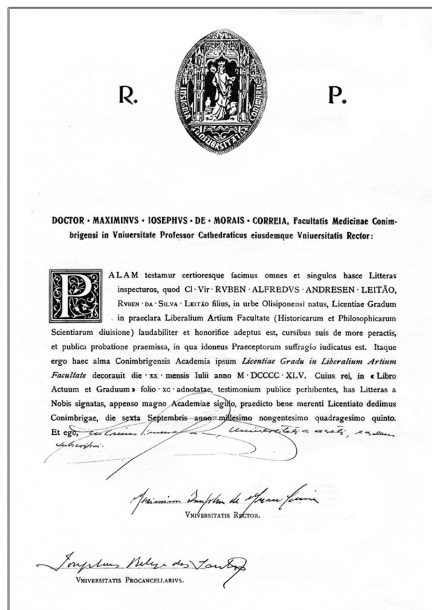


Figura 8 – O diploma de licenciatura de Ruben A.

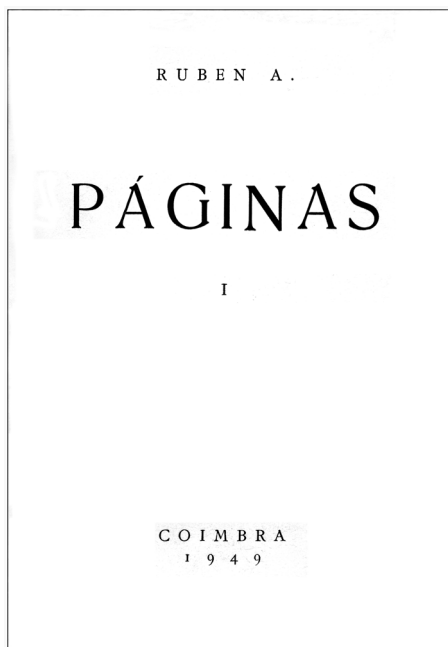


Figura 9 – O primeiro volume de *Páginas*, publicado pela Coimbra Editora, em 1949.

e na sequência do tempo fomos à Coimbra Editora ler outras provas do primeiro volume das *Páginas*, depois entre mais conversas despedíamos-nos para novo encontro no Baleal ou em Mira».

Não tardaria que, ainda nesse ano, *Páginas I* saísse a lume, ostentando na sua capa, pela primeira vez, o nome literário de Ruben A. Dirá mais tarde, em 1965, sobre essa sua estreia literária: «O primeiro livro que publiquei foi *Páginas I*, na Coimbra Editora. Como aconteceu com os livros que publiquei a seguir, perdi sempre dinheiro. A minha obra literária não vive da pena, vive apenas». E em 1969 acrescentaria, sobre essa experiência: «Papel, tinta, tipos de composição, máquina de imprimir. Editar uma obra à própria custa é o diabo à solta em Moscavide. *Páginas I* foi tirada a ferros, na velha Coimbra Editora, ajudei na composição manual, ali com a pinça à procura dos tipos, das letras, formar a palavra, a frase, o período, aprende-se muito, viver numa tipografia é saudável para o escritor, cria disciplina, é treino, andar de bicicleta, exercícios que importa fazer, para cima e para baixo. Ver o prelo, lambar a cria, papel manhoso estampado com prosa nossa, ali a sair do forno, maior prazer só mulher dando à luz, não sou mulher, posso comparar apenas. Depois as provas, as gralhas, leitura em voz alta, porcaria que os ouvidos não aguentam, desafinação da prosa, do ritmo».

E no ano seguinte, 1950, sairia também das oficinas da Coimbra Editora mais um livro, *Páginas II*, quase-diário das suas andanças.

Passados anos, nova vinda a Coimbra, agora mais demorada, para um reviver de tempos idos: «*Coimbra, 22-10-54*. Tinha de descontar esta letra a 10 anos de vista. Os juros têm sido caros. Puxa! Não vinha aqui desde que ergui brados à liberdade académica».

E Miguel Torga é de novo o anfitrião, agora na sua nova morada, na Praceta Fernando Pessoa, lá para os altos da Cumeada: «Vim para casa dos Torgas. São pessoas assim como eles de quem eu gosto: calmos, simples, com entusiasmos vivos às grandes coisas, aptos a mergulharem-se num lá dentro que se transforma em substância escrita. O Torga é como eu: literatura é uma coisa sagrada — ou se é escritor, ou melhor é apanhar bolotas

nos azinheiros de Alter do Chão, escorraçados os meios termos e anúncios nas gazetas locais de pomadas para o espírito. Nada de transigir no que é sagrado, são, puro».

Já em fase adiantada, uma nova obra de Ruben A. seria uma das razões da visita: «Cheguei à estação e pouco depois eles lá estavam. Viemos até aqui a casa, batemos ao correr da noite um valentíssimo papo. Os «Ulímpicos» foram discutidos e dissecados na sua fase mais emocionante. Viajo em missão romântica, venho apalpar o *Caranguejo* e sentir-lhe as entranhas. Está quase pronto: já tem cabeça, pernas e peito. Agora só falta da barriga aos calcanhares».

Mas era tempo também de matar saudades. Em Santana, lá estava a casa que habitara. Mas a *Babaouo* desaparecera já, pouco tendo resistido à partida de quem lhe dera a vida. E o velho Zé do Chiado deixara de fazer recados neste mundo: «Num ápice, sem vergonha, saltei ao Largo de Santana 16. Estaquei no Senhor Ventura — não o do Torga — e o primeiro golpe trágico apareceu: o Zé do Chiado tinha morrido há dois anos, o filho alarve, louro de espanto, também já não vivia e a mulher de desgosto acabara por deixar-se morrer solitária. A solução de morrer era a única que lhe restava».

A Alta, que começara a ser demolida quando era ainda estudante, estava irreconhecível, tão diferente da que conhecera, intacta, quando chegara para frequentar a Universidade: «A Alta ainda não tinha sido arrasada a tiro de insulto e de mau gosto. Viviam-se a última época civilizada de Coimbra, daí para diante a construção dos quartéis na Alta, onde em estilo germânico-nazista assentaram a cidade dos estudantes, foi a maior blasfémia feita a séculos de tradição. E não houve neste país sem imaginação quem obstasse à carnificina. De uma cajadada matavam a casa do Eugénio de Castro, a velha Associação Académica da Bastilha, o Pirata, as ruas pitorescas como mais não havia na Europa. Os azelhas e os pataratas de Lisboa, aliados aos colaboracionistas traidores, avançavam metodicamente na destruição da coisa mais bela do nosso património — o musgo quente de nomes que

por ali viveram e sentiram. Nós, os surrealistas, assistíamos ao maior e mais completo acto de vandalismo realista que se praticava em nossa terra. Todos reparávamos que, galope a galope — e é isto que nos custa a confessar — perdíamos a imaginação».

E é com um grito de raiva que vê agora os efeitos, com as inestéticas faculdades, monstruosas na sua arquitectura, e um estranho D. João III pontificando no que fora um jardim: «Puxa! Deram cabo da Alta! Estão lá dois quartéis de artilharia pesada que metem medo, até pelo cheiro. Calma, cientificamente, deram razia de tudo. Nem a casa de Eugénio de Castro resistiu. Então no vasto e magnífico pátio da Universidade plantaram lá a estátua de um Henrique VIII quase prenhe. Parece uma visão pública do horror. Dá a impressão que o monarca protestante está a dejectar em pé e cheio de um mau humor gordo, sem graça, pouco acolhedor no olhar terrífico com que mira as Anas Bolenas caloiras da Universidade. Um pascácio! Perpetuar assim a memória de um monarca é atraiçoar vilmente a História de Portugal e de Inglaterra. Providências para apeiar o monarca estranho ao nosso solo pátrio».

A sua antiga faculdade, conhecida como «peneira» na gíria académica, ainda lá estava, nas vésperas da transformação na nova Biblioteca Geral. Aí procura um dos mestres, e no Museu Machado de Castro vai encontrar-se com o seu velho amigo Luís Reis Santos: «Na antiga Peneira, falei com o Armando de Lacerda — depois fui cheirar os cubículos onde se esparge de eternidade grega e latina quem se aproxime à distância de fogo. Deu-me a impressão de se publicarem em excesso opúsculos sobre contravogais em semânticas não rítmicas da esclerose do ditongo. Esmaga-me. Desci depois ao Museu para abraçar o Luís, que para mim também já é do Museu pelas recordações deixadas».

Na passagem pela Rua das Covas, mais uma ausência, de uma figura mais famosa que os lentes, catedrática do «ensino» de sucessivos cursos: «Aos saltos de gamo passei da Alta a Baixa e não vi, na rua torta e estreita a célebre C. d'Áço, mulher notável de prestígio nacional, conhecedora a fundo de gerações

e gerações. Perguntei o que havia a uma simpática vizinha. Disse-me que *a d'Aço*, devido ao seu adiantado estado de idade e de decomposição, emigrara para a província. Retirara-se com o pequeno pé-de-meia que a coitar amealhara durante uma vida dedicada ao bom funcionamento glandular da juventude académica. Puxa, pensei, *a d'Aço* na província! Ordem e Progresso. Suor e lágrimas. Caixa sem Previdência. Siderurgia Sexual»..

O abalo era demasiado. Era preciso reagir e procurar o agasalho reparador: «Não quis tocar em mais nada. Fiquei incólume. Desci o Quebra-Costas e desembarquei no arco de Almedina. Ainda olhei para os dois ou três sítios cheios de passado, com um musgo de saudade a espreitar, mas já não podia mais. O choque tinha sido muito forte, não suportava abater-me assim de chofre, havia bem visíveis restos de mim pendurados pelos sítios conhecidos de comum. Meti-me no ronceiro, voltei a casa para um jantar regado de vinho de trás da orelha em companhia de bons anfitriões».

Nesse mesmo ano de 1954 publica em Coimbra, com o nome de Ruben Andresen Leitão, na sequência dos seus estudos históricos sobre a figura do monarca português, o opúsculo *D. Pedro V e Herculano*, estando pronto nas oficinas da Coimbra Editora o seu primeiro romance, *Caranguejo*.

De regresso à Capital, sente a necessidade de rever Coimbra: «Lisboa aparece como bexiga esvaziada. Afinal a vida é feita de bocados ligados pela corrente invisível que vai de nós para as coisas. Tenho de voltar a Coimbra para me angustiar completamente num à-vontade de meia bola e força. A vida calma de Coimbra inveja-me. Ali vive-se o tempo a dobrar, na medida em que o usamos. Em Lisboa — o tempo é dos outros. Falam, falam, falam. Em Coimbra possuem-se mais absolutos, nada fica pendurado em estupefacientes de chatice».

E no dia 7 de Janeiro de 1955 está de novo na cidade. Mais uma vez é Miguel Torga que o acolhe: «O Grande Torga está à minha espera na Estação Nova. Parecia o verdadeiro Desejado rompendo uma noite escassa de nevoeiro».

Torga aprecia os últimos livros saídos, e um novo ânimo nasce para o escritor: «O Torga foi a primeira pessoa que leu o *Caranguejo* de ponta a ponta. Foi a primeira pessoa que compreendeu o livro — que sentiu as suas grandezas e os seus defeitos. Falta a realidade intrínseca de um personagem e há excesso em catadupas de imagens espantosas — o livro devia ser mais espaçado —, dar tempo ao leitor de se salvar de morrer afogado pelo delírio da imaginação. Acha que eu nas *Páginas* sou uma personagem, coisa chupada de autêntico, e que no *Caranguejo* me pus completamente de fora. Por isso as *Páginas* são mais Ruben A. É uma crítica inteligente, é uma crítica como raras vezes se acontece em Portugal. Gostou imenso da parte final do livro e delirou com a cena do casamento, apreciando a forma da construção. Não sabe bem onde me pode levar o *Caranguejo* e eu também não. No entanto, são estas apreciações, como a do Torga, que me servem ao natural e me enchem o arcaboço. Cria-se alma nova e basta ter 1 leitor assim para se escrever».

Aquelas palavras são consoladoras para Ruben, como é consolador o ambiente que o acolhe: «Que bom é estar em casa dos Torgas. Fico-me completamente à vontade — sei que o meu quarto é meu e que o monte em frente pertence ao apalpar das minhas mãos. Também pensando bem: se não fossem estas escassíssimas meia dúzia de pessoas o que era Portugal? Talvez um acidente gastroastronómico».

Numa volta pela cidade, a decepção motivada por um encontro infeliz: «Fui à Coimbra Editora e depois pela Baixa olhei montras quando encontro um tipo, de matéria plástica aderente, que me liquidou. Matou-me o *Caranguejo*. Disse-me convencido na sua caspa que ele, na idade de 15 anos, também tinha sido capaz de ter escrito esse crustáceo. ‘Mas’, perguntei-lhe eu, ‘o livro ainda não está à venda, e Você já o leu!’. ‘Não, não o li, mas pelo seu estilo e umas coisas por alto que já sei de antemão que não me vai agradar. Coisas fáceis, habilidades!’. Puxa: é assim, com duas penadas tipo d’Artagnan, que se destroem três anos de trabalho concentrado».

RUBEN A.

CARANGUEJO

ROMANCE

COIMBRA
1954

Figura 10 – *Caranguejo*, de 1954, primeiro romance de Ruben A.

O choque da «crítica» foi profundo, e deixaria as suas marcas: «Aniquilado, sem *Caranguejo* que ressuscitasse, fui-me cambaleando agarrado às montras num escorregar quase sorumbático. Sentia-me às postas — ali sem carcaça ou pernas, todo eu vagueava aos pedaços quando vi uma nádega saltar-me para um primeiro andar da rua Ferreira Borges pedindo urgentemente uma injeção de vitamina para o fígado».

Para se recompor do abalo sofrido, nada melhor que o amigo, ali a dois passos, no Largo da Portagem: «Voltei ao Torga — precisava de me acolher num abrigo que aos poucos me restituísse as pernas do *Caranguejo* e a nádega ao natural que estava a dançar na varanda do prédio urbano. O Torga estava no consultório e aí, cheio de simplicidade transmontana, falou falou em acertos profundos sobre a nossa mediania, sobre o domínio da inveja, e do império daqueles que vivem profissionalmente para sacanear o próximo».

E não tardaria que o episódio estivesse ultrapassado: «Ao almoço, já o *Caranguejo* estava outra vez vivo. A Andrée preparava os pitéus onde sobressaía uma vitela própria para divagações sentimentais, discursivas. Fico sempre lamecha quando como vitela».

Depois de um animado colóquio, nova incursão pela cidade, que as férias do Natal esvaziara: «Puxa! Falámos até mais não poder e saímos à Baixa — fui então coscuvilhar as traseiras de Coimbra. Subir arrastado pelo Quebra-Costas até à Sé, precisava de tranquilidade. Fiquei-me num à deriva pairando da Alta à Baixa, sonhei-me armado de ferro em brasa num tipo absolutamente medieval de armadura e, de braço dado com *A de Aço*, quis raptar uns dísticos de guerreiros que se atravessavam no nosso falso procriar. Como Coimbra estava despovoada! Despida de doutores parecia um balão esvaziado. Nos Gerais só se viam beatas e alguns cónegos a ler as matinas, a peste levava os lentes e o toque da cabra gemia em balidos desafinados. Deslizava de braço estendido apontando o lugar de pranto onde Inês de melena desalinhada carpia um trivial sem experiência».

Como numa viagem sonâmbula a caminhada continuava, feita de divagação e fantasia: «*A de Aço* queria uma limonada. Era para esquecer de tanta tristeza, conhecera na vida um montão de corpos, hoje já nada a excitava, aguardava que se desfizessem as ilusões pelas traseiras do Jardim Botânico. Uns gatos menos comuns divertiam-se a lamber espinhas dorsais de bichos pré-históricos. Ratazanas saídas da biblioteca traziam ao canto da boca restos de incunábulo mal digeridos e no seu horrível indigesto bradavam de armas para recuperar as bodas de prata do seu curso. *A de Aço* pedia uma nova medida para a sua reunião de cinquenta anos de estudos a bem da profilaxia beirã, e impunha as insígnias do grelo já no seu estado mais interessante. Eu via-me alucinado, não compreendia tão grande azáfama de futricas batalhando os académicos num tom descarado de incesto. Sentado no alto da Torre da Sé Velha o Mondego regressava à fonte andando num para trás que me levava os olhos abertos de tanta surpresa».

E a jornada de sonho e de nostalgia prossegue, pelas ruas que como estudante percorrera: «País de marinheiros! Anda agora ver as tardes de sol caintes nos lados do choupal. Levanto voo, passo umas repúblicas de Andorra já sem telefonia, baixo à casa do *Só* e fico-me aí ruminando as cruéis saudades que me desfazem. Não sou nada, nem nada que se possa cheirar, ver, sentir. Transeunte vagabundo das tardes de outrora. Aqui ao lado amei ternamente, cheio de dores puras de um lembrar encantado. Os beijos sopram-me um sabor morto».

Regressado a casa, o acolhimento afável dos hospedeiros ia prosseguir em nocturna convivência: «Choveu tão torrencialmente durante a noite que, entre o sonho e a realidade, senti a casa desgarrar-se, ir por aqui a baixo à mercê de um caudal de água. — O Torga recitava uma ode completamente lírica, André e eu escutávamos olhando para as margens cheias de caranguejos. Recordava que os Torgas eram das pessoas mais portuguesas de hospitalidade que conhecera. À noite, junto à lareira, a conversa foi de serão aos poucos interrompida pela enormidade de uma história avantésmica».

Estava a chegar ao fim a estada coimbrã, e o convívio salutar que Ruben gostosamente desfrutava: «Têm sido dias concebidos — esclarecem e tornam a pessoa num ruminante mental. Preparado o espírito avançámos na vitela. Uma vitela mansa, equilibrada, seminária, leitosa, cozinhada como só se sabe fazer em casa dos Torgas — era uma vitela virgem à procura de dentes para a desmamar. Lembrou-me de outra vitela que em dia soalheiro de há vários anos comi em casa dos mesmos amigos quando ainda no 32 da Estrada da Beira».

Não tardaria um breve regresso, no dia 25 de Janeiro. Pretexto para mais um encontro com um velho amigo de família: «Deslocado inesperadamente a Coimbra sinto a tragédia da vida das pequenas cidades. Todas as pessoas que há quinze anos eram vedetas estavam quase a acabar. Nas outras cidades não se repara nos transeuntes, são todos os dias caras diferentes. Nos burgos menores a tragédia vive no diário patente a todas as horas e minutos, à mostra acompanhamos a vida dos que vão à nossa frente até os ver resignados a entrar para a sepultura. Não há ninguém que tenha passado por Coimbra que não leve saudades do grande amigo Rocha Brito — uma das pessoas mais bondosas que me foi dado conhecer. Homem profundamente bom e sempre pronto a comunicar os sentimentos alegres de uma vida gasta neste pequeno burgo que, decerto, breve se esquecerá das suas bastas qualidades. Homem sem inveja, sem intriga, inculca-nos um duplo e triplo prazer quando nos aparece no momento de abraçar. Nele o fundo e a superfície são igualmente magníficos».

Mais uma vez, o rápido reencontro com as ruas da cidade: «Pisei a correr as memórias do passado — fui a Sub-Ripas e à Torre de Anto, saltei pé ante pé a Santa Cruz para não acordar os primeiros reis de Portugal e entrei no magnífico claustro do convento. Coisa impressiva de que já não me recordava». E, ao cair da tarde, um céu difícil de esquecer: «Era um azul-neblina que torna inúteis as paletas dos pintores — e em Coimbra fui ver aquele pôr do Sol que faz desmaios de salmão pela espinha dorsal abaixo. Havia tiras de salmão no poente e pingos de azul a caírem pela noite abaixo com riscas de cinzento compacto abrindo narinas».

E, no dia seguinte, como não podia deixar de ser: «Fomos ao Torga, que acabara de tirar as amígdalas a um rapaz francamente lusíada — conversá-mos e de promessa para a volta diluímo-nos na Baixa».

Entretanto, a ligação a Coimbra iria continuar. O historiador prosseguia a sua obra, publicando em 1955 os *Documentos dos Arquivos de Windsor*, na Coimbra Editora, a que se seguiriam em 1958 os *Novos Documentos dos Arquivos de Windsor*. E o escritor Ruben A. editava, em Julho de 1956, *Páginas III*, como as restantes saídas dos prelos da Coimbra Editora, de que uma parte, *Sargaço*, seria editada em separado, na mesma data. *Páginas IV*, em 1960, seria a última obra publicada na cidade. Os 2 volumes restantes, assim como a sua obra futura, não seriam já aqui editados.

Lá fora, o Mundo continuava à sua procura. E, numa das suas voltas, a 26 de Setembro de 1975, em Londres, fecha-se para Ruben A. a sua última *Página*. Dois dias depois, em Coimbra, como um *requiem* pelo Amigo, Miguel Torga registava no seu *Diário*: «É uma pena que a barca de Caronte regresse sempre vazia ao cais da partida, e Ruben A. não possa voltar por



Figura 11 – A livraria da Coimbra Editora, na Rua Ferreira Borges

momentos ao reino dos vivos para comentar a sua própria morte, anunciada hoje em tipo miúdo na vala necrológica dos jornais. É que ninguém melhor do que ele, a propósito dessa ausência de si mesmo no palco da existência, saberia transmitir-nos o que há de absurdo, de estúpido e de pungente no desaparecimento de certas criaturas que trazem à indiferença dos dias a singularidade de um estilo desabusado, emblematicamente vivido. Por ser precisamente uma delas, um desses entes raros e insólitos que nunca deveriam deixar-nos desamparados na pobreza da nossa vulgaridade, e porque tinha o humor negro, a lucidez e a fantasia que os imortais às vezes outorgam distraidamente aos mortais, era numa das suas *Páginas* que ficavam bem estas lágrimas, que só ali correriam eternamente salgadas e bufas, de uns olhos ao mesmo tempo irónicos e cordiais, bárbaros e civilizados, cândidos e demoníacos, sonâmbulos e acordados. Juiz póstumo da personalidade que foi, sem lhe poder corrigir um gesto sequer, mal se imagina a que profundidades desceria a sua análise implacável, e que sibilina e justa sentença lavraria no fim. Mas o destino gosta pouco de se ver perspectivado pelos interessados. Mormente quando eles são senhores soberanos da palavra. E *O Mundo À Minha Procura* fica assim privado de um remate que nenhuma outra mão, desgraçadamente, lhe pode dar — remate inteligente e melancólico, apenas possível no espírito de quem acredita sinceramente na glória, mas humanamente lhe sabia assobiar nas horas triunfais».

AS CITAÇÕES DO TEXTO SÃO EXTRAÍDAS DAS SEGUINTE OBRAS:

Ruben A. – *O Mundo à minha procura*, vol. II

Ruben A. – *Páginas II, III, V, VI*

In Memoriam de Ruben Andresen Leitão

Ruben Andresen Leitão – *Perfil de um Mestre*

O Mundo de Ruben A.

Miguel Torga – *Diário XII*

(Página deixada propositadamente em branco)

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2006

